

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

DEIDYANE VIEIRA MELO SILVA

**A FORMAÇÃO DE LEITORES NA REDE PÚBLICA DE ENSINO
NO BAIRRO ROSA ELZE/SE**

**SÃO CRISTOVÃO
2014**

DEIDYANE VIEIRA MELO SILVA

**A FORMAÇÃO DE LEITORES NA REDE PÚBLICA DE ENSINO
NO BAIRRO ROSA ELZE.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado junto ao Curso de Pedagogia,
da Universidade Federal de Sergipe, como
parte dos requisitos para obtenção da
Graduação na área da Pedagogia.

Orientador: Prof. Fábio Alves dos Santos

**SÃO CRISTOVÃO
2014**

Monografia *A formação de leitores na rede pública de ensino No bairro Rosa Elze*,
submetida à seguinte comissão examinadora:

Prof. Dr.Fábio Alves dos Santos (UFS)
Orientador/Presidente

Profa. Dra. MarizeteLucini (UFS)
(Examinadora Interno)

Profa. Dra.Tacyana Karla Gomes Ramos (UFS)
(Examinadora Interno)

AGRADECIMENTOS

Nesse momento emocionante, em que concluo uma etapa tão esperada em minha vida, não poderia deixar de agradecer às pessoas que de alguma forma contribuíram para que esse momento acontecesse.

Primeiramente a Deus que nunca deixou que meu desespero fosse maior do que a minha esperança, pois acreditei que ao final tudo daria certo. Ele não permitiu que eu desistisse no meio do caminho.

Aos meus pais Claudinício e Geilda, grandes responsáveis por eu ter chegado até aqui. Não tem nada que eu possa fazer para demonstrar o quanto os amo! Meu agradecimento ainda mais especial, pois, acompanharam-me quando foi possível e necessário nessa pesquisa!

Ao meu esposo Leilson que sempre esteve do meu lado, sei que não foi fácil acompanhar esses anos de vida acadêmica, mas sei que está tão feliz quanto eu, pois a vitória não é somente minha; é nossa! Meu muito obrigado, amor!

Aos meus avôs paternos José e Dalva e aos maternos Francisco e Conceição que tanto os admiro e amo. Fico muito feliz de poder compartilhar com vocês minha alegria, eu sou a pessoa mais sortuda do mundo!

Aos meus irmãos Deinyde, Deivyane e Deinyele que me ajudaram e sei que ajudarão sempre que necessário, vocês são tão importantes na minha vida que não imagino esse momento sem nenhum de vocês, meus amores.

À minha princesinha Sophia que trouxe tanto amor e alegria para nossas vidas, você foi essencial para tia perceber que na vida tudo é possível, basta ter essa família linda que nós temos ao lado.

À minha sogra Ivanilde que sempre me auxiliou quando pedi, muito obrigada você me tirou do sufoco muitas vezes.

Às minhas colegas de turma Andréia, Tati, Niqueli, Flávia, Ricleia, Tâmara, Camila, Josinete, Crislaine, Jeise pelos momentos inesquecíveis desses últimos cinco anos. E o meu agradecimento, mais que especial, às minhas curicas Anizia e Daiane, vocês foram simplesmente fundamentais nessa caminhada, apesar de não estarmos tão próximas nessa reta final. Tenho certeza que estamos presentes uma na oração da outra.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fábio Alves que foi fundamental para que essa pesquisa acontecesse, muito obrigada pela paciência, pela aprendizagem e pela dedicação. Só tenho que agradecer. Não posso me esquecer de agradecer ao Prof. Dr. Itamar Freitas que me indicou e me apresentou Prof. Fábio para orientação da pesquisa.

Às Secretarias de Educação tanto Estadual quanto Municipal; às escolas que me receberam e que muito contribuíram para essa pesquisa; e às professoras que permitiram que eu assistisse a suas aulas.

Enfim, agradeço imensamente a todos que torceram e torcem pelo meu sucesso!

Viajar pela leitura

Viajar pela leitura
sem rumo, sem intenção.
Só para viver a aventura
que é ter um livro nas mãos.
É uma pena que só saiba disso
quem gosta de ler.
Experimente!
Assim sem compromisso,
você vai me entender.
Mergulhe de cabeça
na imaginação!

Clarice Pacheco

RESUMO

Esta pesquisa monográfica apresenta discussões sobre a cultura leitora na rede pública. O objetivo principal da pesquisa é investigar como as unidades escolares do bairro Rosa Elze, no município de São Cristóvão, no Estado de Sergipe, têm desenvolvido atividades que estimulem o gosto pela leitura e conseqüentemente como estão promovendo a cultura leitora em seus alunos. Para alcançar o objetivo foi necessário ir a campo, primeiramente para caracterizar as escolas, depois para observar a prática das atividades de leitura, de revisão bibliográfica e de conversas sistematizadas com alunos e professores. O trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro fala sobre a trajetória da pesquisa em que está dividido em três subtítulos onde a primeira seção está composto pela caracterização das escolas possibilitando ao leitor conhecer todas as escolas visitadas, já a segunda apresenta o Programa Nacional de Biblioteca Escolar e, por fim, o terceiro tópico delinea o Projeto Trilha. O segundo capítulo fala sobre as concepções de leitura e é composto por um subtítulo que traz as análises das atividades em que serão apresentadas as atividades de leitura desenvolvidas no dia de observação das aulas. Ficou evidente que se tem pensando políticas públicas voltadas para esse campo e que a maioria das escolas está se empenhando em desenvolver um bom trabalho, porém ainda há muito que se fazer.

Palavras-chave: Leitura, Formação de Leitores, Escola pública.

ABSTRACT

This research monograph presents discussions about culture reader on the public network. The main objective of the research is to investigate how school units Rosa Elze neighborhood, in São Cristóvão, in Sergipe State, have developed activities that encourage a love of reading and consequently as the reader are promoting culture in their students. To achieve the goal it was necessary to go into the field, first to characterize the schools, then to observe the practice of reading activities, literature review and systematic conversations with students and teachers. The work is divided into two chapters. The first talks about the trajectory of research that is divided into three sections where the first section is composed of the characterization of schools enabling the reader to know all the schools visited, while the second presents the National School Library Program and, finally, the third topic outlines the Trail Project. The second chapter discusses the concepts of reading and consists of a caption that brings the analyzes of the activities that will be provided reading activities developed on the day of observation of classes. It was evident that thinking has focused on this field and public policies that most schools are striving to develop a good work, but there is still much to do.

Keywords: Reading, Readers Training, Public Schools.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| Capítulo I - Trajetória da pesquisa..... | 13 |
| 1.1 Caracterização das escolas..... | 16 |
| 1.1.1 Escolas municipais | 16 |
| 1.1.2 Escolas estaduais | 19 |
| 1.2 Programa nacional de biblioteca escolar | 23 |
| 1.3 Projeto trilhas | 26 |
| Capítulo II- CONCEPÇÕES DE LEITURA..... | 29 |
| 2.1 Análises das atividades de leitura | 32 |
| 2.1.1 EMEF Raimundo Francisco dos Santos | 33 |
| 2.2.1 EMEF Madalena de Gois..... | 36 |
| 2.2.2 EMEF Ruth Dulce de Almeida | 38 |
| CONCLUSÕES | 41 |
| REFERÊNCIAS | 44 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como discussão a formação de leitores na rede pública de ensino. Seu objetivo principal consiste em investigar as práticas de leitura desenvolvidas na escola e, conseqüentemente, como estão promovendo a cultura leitora em seus alunos. Para tanto, toma como espaço de investigação as escolas públicas do bairro Rosa Elze, na cidade de São Cristóvão, no Estado de Sergipe. O interesse por este tema surgiu após a experiência de estágio não obrigatório realizado na biblioteca do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Esta experiência despertou a curiosidade sobre como as escolas públicas utilizavam esse espaço de leitura, se o utilizavam: o que a princípio fazia com que esta pesquisa fosse intitulada “A biblioteca escolar na perspectiva de ensino aprendizagem”.

Porém, com o andamento da pesquisa, o interesse foi se modificando, porque se percebeu que com esse foco de análise a pesquisa não daria conta de todas as nuances que envolvem a questão. Se por um lado a maioria das escolas não possui biblioteca, a curiosidade foi aguçada pelo que as escolas públicas estão fazendo para instigar em seus alunos o gosto pela leitura independentemente de utilizarem algum espaço específico (seja ele denominado de sala de leitura, cantinho da leitura ou biblioteca), ou não. Sendo assim, o foco principal se tornou como as escolas têm estimulado seus alunos a lerem, pois como diz Hardman; Albuquerque (2005) leitura é um instrumento importante no processo de desenvolvimento da civilização, uma vez que ela possibilita a aquisição do conhecimento, sendo também responsável pela evolução do pensamento (HARDMAN; ALBUQUEQUE, 2005).

Para atender as finalidades desta pesquisa, o primeiro passo foi realizar um levantamento do quantitativo de escolas públicas, tanto municipais quanto estaduais existentes no bairro Rosa Elze, no município de São Cristóvão, Estado de Sergipe. Por meio da consulta às Secretarias Estadual e Municipal, foram identificadas dezessete escolas, sendo seis estaduais e onze municipais. Na Secretaria Estadual, além de levantar dados sobre as escolas, também foi possível conhecer o Programa Nacional de Biblioteca

Escolar (PNBE) que será apresentado ao longo do texto, bem como o Projeto Trilha que está sendo desenvolvido nas escolas municipais.

A pesquisa busca responder como está sendo criada a cultura leitora, ou seja, o hábito de leitura voluntária, nas escolas. Em princípio, esperava-se encontrar professores que planejassem atividades voltadas para leitura; escolas empenhadas em desenvolver atividades de leitura a partir da realidade dos alunos; e desenvolvendo projetos de leitura utilizando interdisciplinaridade. Para isso foi preciso observar aulas com atividades de leitura, conversar com professores sobre o desenvolvimento dessas atividades e falar com os alunos sobre leitura.

A escolha por este tema de trabalho guarda direta relação com a relevância da leitura no mundo contemporâneo, tendo em vista que a desigualdade econômica e educacional e a dificuldade de sua superação se devem ao baixo índice de leitura da população brasileira como afirma Rosa; Oddone (2006). A definição da localidade se deve ao fato de que São Cristóvão é a quarta cidade mais antiga do país, além de ser vizinha da capital do Estado de Sergipe. A preferência pelo bairro se deve ao fato de ser o mais importante da cidade, demonstrando ser mais desenvolvido que o próprio município.

Para comprovar isto, foi preciso ir até a Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento, localizada na cidade, em que a informação dada foi que Rosa Elze é responsável pela maior parte da arrecadação de impostos do município, pois é onde se encontra o maior número de estabelecimentos comerciais, além do grande crescimento imobiliário na região. No entanto, segundo a Secretaria não existe nenhum documento que comprove isso, pois estavam em fase de recadastramento desses estabelecimentos. O responsável pelo órgão gestor afirmou que a única forma de ajudar a comprovar isso era disponibilizando as plantas dos imóveis que estão prontos ou previstos para construção, o que se considerou desnecessário.

Para desenvolver o projeto foi necessário ir a campo, primeiramente para caracterizar as escolas, depois para observar a prática das atividades de leitura, de revisão bibliográfica e de conversas sistematizadas com alunos e professores. O trabalho está dividido em dois capítulos em que o primeiro está dividido em três subseções. A primeira apresenta a caracterização das escolas possibilitando o leitor acompanhar o começo da pesquisa e como tudo foi acontecendo até chegamos ao tema presente. A segunda seção

destaca o Programa Nacional de Biblioteca Escolar. Finalizando o capítulo, o terceiro tópico discute o Projeto Trilhas. O segundo capítulo é composto por um subtítulo que traz concepções de leitura e análise das atividades em que serão apresentadas as atividades desenvolvida no dia de observação das aulas.

1 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Agora apresentar - se a trajetória da pesquisa desde seu primeiro tema até o tema atual, mostrando a relevância dessa mudança a fim de enriquecer o estudo.

Tudo começou em um estágio não obrigatório realizado na biblioteca do SENAI, em que a curiosidade foi aguçada em conhecer como as escolas públicas estavam fazendo uso desse espaço com o objetivo de melhorar a educação de seus alunos, proporcionando assim conhecerem o mundo da leitura.

Antes, porém, foi preciso conhecer um pouco da história desse espaço que não é uma temática atual. Por volta de 1860, surge uma apreensão em relação à conservação de materiais como manuais didáticos e murais impressos que foram produzidos com grandes custos e que logo ficaram inutilizados. Pois, segundo Menezes (2004), os professores não sabiam manter seu patrimônio de trabalho conservando do tempo e do uso dos alunos, e isso deveria ser solucionando.

Dessa forma, foi decretado por Gustave Rouland, ministro de instrução pública e dos cultos da França, que cada prefeito se esforçasse para instalar uma pequena biblioteca-armário, destinada à conservação dos livros, dos cadernos e dos quadros impressos para uso da escola. Ainda, reforçando o decreto, ordenou que no futuro toda escola devesse contemplar em seu projeto despesas com a implantação de biblioteca.

Após dois anos, em 1862, o ministro promulga um decreto em que transforma o armário-biblioteca em biblioteca escolar. Com isso, o responsável pelo espaço é o professor primário e, agora além de guardar os materiais, a biblioteca também realizará empréstimos às crianças e às suas famílias.

Em 1866, foi perceptível que as bibliotecas eram criadas com o objetivo de instruir, como escreve um inspetor de biblioteca:

O gosto pelas leituras sãs se desenvolvem nos mais humildes tetos, a vigília torna-se uma escola de moralidade, a instrução penetra na família, graças as bibliotecas escolares (MENEZES, 2004, p. 57).

Vimos então até agora, um pouco da história da biblioteca que surge, a princípio, com o objetivo de preservar os materiais didáticos; logo após já se pensa em emprestar livros para os alunos e seus familiares; depois é vista como possibilidade de instruir o povo.

Pense-se agora no papel da biblioteca atualmente. O que será que mudou com o tempo?

Bezerra (2004) avalia a biblioteca escolar como indispensável, um lugar que deve ser bem gerenciado, organizado e prazeroso. Um espaço que se difere dos outros ambientes da escola, pois é capaz de promover interação entre o aluno, professor e bibliotecário, além de ser vinculada à variedade de informações, operando como um laboratório de auto aprendizagem (BEZERRA, 2004).

A autora faz ainda uma reflexão de que mesmo sendo comprovados os benefícios que a biblioteca traz, há anos, bibliotecas de escolas de qualquer rede se encontram fechadas ou, para utilizá-las, precisa-se de agendamento. A partir dessa afirmação, é relevante destacar que durante a realização da pesquisa, a maioria das escolas que possui um espaço denominado de biblioteca ou sala de leitura, quando era pedido para visitar o espaço, os gestores sempre tinham uma desculpa para o local estar fechado naquele dia.

Bezerra (2004) explica isso ao fato dos responsáveis pela educação nas escolas, inclusive os bibliotecários, não terem a consciência de que para muitos estudantes a biblioteca escolar é a única maneira de ter acesso a uma variedade de texto e que esse ambiente colabora de certa forma com a aprendizagem desse sujeito.

Segundo Bezerra (2004) é possível encontrar em algumas bibliotecas de escolas públicas professores readaptados atuando no lugar do profissional bibliotecário. Sobre isso, Rodrigues (2013) destaca a importância do profissional bibliotecário na biblioteca escolar, visto que esse tem formação para facilitar o acesso ao material desejado, além de poder proporcionar leitura informativa e prazerosa, colocando à disposição obras de interesse do leitor, seja esse individual e/ou coletivo. Ainda sobre essa temática, durante as visitas nas escolas, foi possível notar que nenhuma escola possui bibliotecário atuando e todas contam com professoras readaptadas, sejam com problemas de saúde, ou sejam à espera de aposentadoria. Dessa forma, falta aos responsáveis pela educação repensar essa visão sobre a biblioteca escolar.

Bezerra (2004) ainda nos faz repensar sobre os equívocos cometidos quando se pede uma pesquisa bibliográfica aos alunos: já que ela é tão importante para diversificar o acesso à leitura, sendo assim, capaz de ampliar o horizonte do sujeito. Entretanto os professores não sabem como expandir a visão de mundo do seu aluno através desse espaço, visto que, quando pedem uma pesquisa bibliográfica, têm o hábito de indicar apenas um autor, esquecendo que existem outros autores que discutem a mesma temática, possibilitando ao aluno fazer uma leitura de mundo.

Ainda sobre a importância de permitir ao aluno várias formas de informação, Rodrigues (2013) apresenta o conceito de Educação além do incentivo à leitura, onde o contato com diversas fontes e formas de pensar desperta o olhar crítico.

Para a autora acima, o uso da biblioteca motiva a compreensão e a utilização responsável do patrimônio público, em que o empréstimo de obras exige o comprometimento em devolvê-lo e, assim, desenvolve o senso de coletividade e o significado de “patrimônio público”, com a compreensão de que outros usuários também têm o direito de ter conhecimento da mesma informação, onde essa consciência é levada para outras esferas da vida (RODRIGUES, 2013).

Isso talvez justifique a posição da Secretaria de Educação do Estado de Sergipe possui. Isto é, não tem nenhuma ação de monitoramento acerca da conservação do acervo por parte da escola, pois segundo a Secretaria acredita-se que a escola prepara seus alunos para conservação dos bens, e afirma que isso não compete à Secretaria, esse é papel do professor ensinar, ao aluno, conservar o livro.

É possível a reflexão então que essa ação da conscientização do cuidar do bem público ajudaria em outro campo, em que a posse que alguns gestores têm em relação aos livros, preferindo que seus alunos não tenham acesso a esses seria extintos, já que os alunos teriam a consciência de que é preciso preservar o patrimônio público. Isso seria possível com frequentes ações pedagógicas dos professores com a finalidade de desenvolver tal consciência.

É possível refletir então que o principal objetivo da biblioteca é oportunizar leitura. Refletindo sobre o papel dela, seja em tempos atrás e/ou atualmente, percebemos que as dificuldades em manter o espaço funcionando ativamente continuam; que a responsabilidade por parte do professor por esse espaço ainda está viva; e que ainda são

necessárias políticas públicas mais eficazes para esse campo da educação, além de investimento em renovação e atualização do acervo, pois existe uma necessidade de informações recentes e atualizadas, principalmente aos estudantes, visto que essas informações são indispensáveis para complementar seus estudos e formação, além de despertar o interesse em frequentar a biblioteca, quando se sabe que sempre tem novidades.

Chegando a essa conclusão, em conversa sistematizada, os responsáveis pelas bibliotecas escolares estaduais questionam se para o estudo de leitura desenvolvido é mais importante as escolas terem um espaço denominado para leitura, mesmo que esse não funcione, ou saber que a escola esteja de fato oportunizando o gosto pela leitura em seus alunos, mesmo sem ter um espaço específico para isso, visto que leitura pode ser realizada em qualquer lugar.

É a partir daqui que a pesquisa toma outro rumo, tendo como objeto de pesquisa a formação de leitores na rede pública de ensino com o objetivo de investigar como as unidades escolares têm desenvolvido atividades que estimulem o gosto pela leitura e consequentemente como estão promovendo a cultura leitora em seus alunos. Sem com isso deixar de levar em conta a importância e o papel da biblioteca.

A seguir, o trabalho apresenta as escolas pesquisadas, ambiente onde foram desenvolvidas as observações.

1.1 Caracterização das escolas

Para quantificar e localizar as escolas distribuídas do bairro Rosa Elze, foi necessário visitar a Secretaria Municipal de Educação, localizada na sede de São Cristóvão. Foram identificadas dezessete escolas, sendo seis estaduais e onze municipais. A definição da localidade se deve ao fato de que São Cristóvão é a quarta cidade mais antiga do país, além de ser vizinha da capital do Estado de Sergipe. A preferência pelo bairro se deve ao fato de ser o mais importante da cidade, demonstrando ser mais desenvolvido que o próprio município.

1.1.1 Escolas municipais

A primeira escola visitada foi Escola Municipal Lauro Rocha de Andrade que obteve média 3,6 no Ideb de 2011, localizada na Rua José Prado Barreto, nº460, no bairro Rosa Maria. Ela possui quatro salas e doze turmas, distribuídas nas séries do 1º ao 5º ano e a EJA. A escola possui em torno de 360 alunos e doze professores. Como a maioria das escolas da rede municipal, essa escola não possui biblioteca, porém participa do Projeto Trilha, em que todas as sextas-feiras são utilizadas para os cantinhos de leitura, onde os professores levam os livros do projeto para a sala de aula. Dentro da secretaria, tem um pequeno acervo com dicionários ilustrados e paradidáticos disposto em uma estante. Esses livros são enviados para escola tanto pelo Projeto Trilha quanto pelo PNBE.

Logo após conhecer a primeira escola, foi a vez de visitar a EMEF¹Francisco da Costa Batista, localizada na Rua Elpidio Batista Neri, nº 665, no bairro Rosa Elze. A escola conta com onze salas que comportam dezessete turmas, totalizando 388 alunos, de 1º ao 5º ano, e treze professores. Ela também não possui biblioteca e participa do Projeto Trilha, onde agora estão trabalhando com histórias acumulativas e depois vão para histórias repetitivas. A diretora enfatizou bastante que o projeto cobra relatório da escola e são feitas reuniões periodicamente. A escola recebeu do projeto vinte livros que estão dentro da secretaria em uma prateleira e optou por trabalhar somente com o 1º ano. Não há um dia fixo para as atividades, pois são as professoras que inserem o projeto em seu planejamento, ou seja, organizam-se durante as aulas para desenvolvê-lo.

A próxima escola a ser visitada foi a EMEF DR Martinho de Oliveira Bravo, Rua Grugim, nº 673, situada no Rosa Elze, que obteve no Ideb de 2011 média de 2,7. Ela possui cinco salas de aula, que comportam doze turmas, 229 alunos e doze professores, ofertando do 1º ao 5º ano. Esse estabelecimento de ensino se encontra na mesma situação das escolas acima, porém ainda vai começar o projeto. A diretora relata que a Secretaria do município disse que os livros para desenvolver o projeto já foram entregues, contudo esses livros não chegaram na escola. A gestora disse que os livros, possivelmente, devem ter sido desviados.

A EMEF Madalena de Gois, localizada na rua B, nº 20, Conj. Lafaete Coutinho, no bairro Rosa Elze, possui oito salas de aula com dezesseis turmas distribuídas em dois turnos, manhã e tarde, totalizando 356 alunos e quatorze professores, ofertando do 1º ao 5º ano. A escola não possui o espaço físico da biblioteca, porém conserva um pequeno acervo

¹ Abreviação para Escola Municipal de Ensino Fundamental.

na secretaria, em que realiza empréstimos de livros aos alunos, além de desenvolver o projeto Trilhas.

A Creche Maria de Lourdes Gomes que fica situada no Rosa Maria conta com um espaço físico de três salas, duas turmas, quarenta alunos e uma professora. A creche oferta educação de 0 a 3 anos. Recebe livro do PNBE. Segundo a gestora, na instituição, a leitura é promovida através de contação de historinhas e junto com as crianças tentam ilustrar essas histórias. Com acesso à sala de leitura, percebe-se que a ilustração que é feita a partir das histórias são desenhos digitalizados e pintados pelas cuidadoras. As leituras realizadas são temáticas como folclore, trânsito, dia da árvore entre outras. A gestora enfatizou que esse trabalho é realizado, mas não cobrado, pois a comunidade ve a creche como um depósito de crianças, ou seja, os pais não cobram esse tipo de trabalho dela. Dessa forma, é perceptível uma preocupação por parte da professora em promover leitura entre os pequenos estimulando assim possivelmente o gosto pela leitura.

Em seguida, foi a vez de ser visitada a EMEF Raimundo Francisco dos Santos localizada na rua A, s/n, no conj. Luiz Alves II. A escola possui seis salas com quatorze turmas, 240 alunos e quatorze professores, ofertando do 1º ao 5º ano. Ela conseguiu média 2,9, no Ideb de 2011. Possui uma biblioteca móvel, em que os livros ficam expostos em um expositor que se encontra diariamente dentro da secretaria pela difícil locomoção, pois o expositor é pesado e frágil. Todavia os alunos têm livre acesso aos livros e podem pegá-los emprestados. A escola pretende montar uma gibiteca com quadrinhos doados pela comunidade. Essa escola também trabalha a leitura temática. No momento da visita, a escola estava trabalhando com o cordel, encontrando-se toda decorada com os trabalhos dos alunos com relação a temática. Ela também está trabalhando com o projeto Trilhas e afirma a que vai estender a todas as turmas e não ficar somente no 1º Ano.

A EMEF Maria de Lourdes Gomes fica localizada na rua A, s/n, no Povoado Tijuca. Obteve média 3,6 no Ideb de 2011, conta com seis salas, quinze turmas, 371 alunos e quatorze professores. Oferece ensino do 1º ao 5º ano. Segundo a gestora, a escola só não possui o espaço físico, mas os alunos têm acesso aos livros. O estabelecimento de ensino também está desenvolvendo o Projeto Trilha.

A EMEF Ruth Dulce de Almeida que fica situada rua I, s/n, conjunto Jardim Universitário, passa por uma reforma onde são realizados reparos na estrutura, além da

construção de uma sala de recursos e um laboratório de informática. Atualmente possui quatro salas, nove turmas, 240 alunos e oito professores. Ela obteve média 2,8 no Ideb e oferta o ensino do 1º ao 5º ano. Conta com equipe diretiva composta por uma diretora e um secretário. Essa foi a única escola que soube explicar o que era o projeto Trilha. Esclareceu que não era um projeto elaborado pelo município, mas uma parceria do Instituto Natura com o MEC. Além de ser a única escola a mencionar o material de apoio como os jogos que afirmam utilizar. A escola não tem um dia pré-definido da semana para desenvolver as atividades do projeto, pois essas atividades são executadas pela professora da turma do 1º ano, à tarde, ou seja, eles não quiseram estender às demais turmas.

A EMEF Maria de Oliveira Santos está localizada na travessa D, s/n, no Loteamento Madre Paulina. Conta com duas salas, seis turmas, 105 alunos e três professores. A escola não possui espaço físico reservado para leitura, porém trabalha com o projeto Trilhas que é desenvolvido pela professora do 1º ano.

Por fim, a EMEF Agnaldo Silva Santana fica localizada na av.K, nº 333, Várzea Grande na Zona Rural, em uma região muito distante, em que não passa transporte pela suas proximidades. Dessa forma, não houve condições de visitá-la e conhecer seu trabalho, sendo a única escola da região em que não foi possível desenvolver a pesquisa.

1.1.2 Escolas estaduais

A primeira escola estadual a ser visitada foi a Escola Normélia Araújo Melo que obteve média 4,4 no Ideb e está situada a rua A, s/n, Conjunto Lafayette Coutinho, bairro Rosa Elze. A escola funciona em dois turnos, ofertando o ensino fundamental do 1º ao 5º ano, totalizando 248 alunos. A equipe é composta por quinze professores, sendo duas professoras readaptadas realizando funções administrativas na secretaria, 21 servidores, uma diretora, um coordenador pedagógico e uma secretária. A escola atende a uma clientela, em sua maioria de classe baixa, advinda de loteamentos e conjuntos residências das proximidades. Quanto à estrutura física, o prédio escolar possui seis salas de aula, uma sala da direção e a secretaria, ambos os ambientes com banheiro destinado aos funcionários. Possui cozinha com dispensa, dois banheiros destinados aos alunos, sendo um masculino e um feminino, um depósito de materiais e um laboratório de informática. A

escola não dispõe de sala de professores, sala de coordenação, quadra, refeitório, biblioteca e sala de recursos pedagógicos. Quanto ao laboratório de informática, só existe a estrutura, pois nunca foram instalados os computadores. Vale ressaltar que a escola está passando por uma reforma. A escola tem um pequeno espaço que funciona como biblioteca, em que, segundo a coordenadora, funciona de forma precária. Nas palavras da coordenadora, a escola faz o que pode. Na biblioteca, os alunos podem pegar livros emprestados. Além disso, na escola, o projeto de leitura funciona dentro dos programas PNAIC- Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, Se liga e acelera e Mais Educação com a oficina letramento. Segundo a coordenadora, a escola nunca recebeu livros do PNBE, mas ao visitar a biblioteca foi observado livros do PNBE de 2011. Ao perguntar se já tinha havido a reunião do conselho escolar no corrente ano, a gestora disse que a escola não possui conselho escolar, mas sim comitê comunitário. Quando foi pedido para ler a ata de reunião, ela perguntou o que se queria ver na ata, foi respondido que só queria ver os pontos que são discutidos na reunião, então a gestora disse que não havia tal necessidade. Ela mesmo disse que eram discutidos a importância da presença dos pais na escola; o cuidado com os livros que os filhos recebem; e como aproveitar os recursos que a escola recebe. Dessa forma, foi perguntado se a comunidade não se interessa em discutir formas de promover a leitura na escola, a resposta obtida foi que a comunidade só se interessa se tem merenda escolar e professor - para os filhos não ficarem em casa.

A segunda escola a ser visitada, Escola Neyde Mesquita que obteve média 3,8 no Ideb, fica na rua A,s/n, Conjunto Lafayette Coutinho, Bairro Rosa Elze, possui sete salas de aula e oferta do 1º ao 6º ano. Possui 300 alunos, equipe diretiva composta por uma coordenadora, uma diretora e uma secretária. A escola atende a uma clientela, em sua maioria, de classe baixa advinda de loteamentos e conjuntos residências das proximidades. A escola possui uma sala que funciona como biblioteca e sala de aula do programa Mais Educação. No âmbito da biblioteca, a escola faz empréstimo de livros aos alunos. Funciona a partir das 02h:40min e a catalogação é feita através de cores e sequência numérica. A escola também desenvolve o projeto “ler é bom”. A ideia do projeto surgiu através da dificuldade de leitura e escrita observada nos alunos. Para a elaboração do projeto, a pedagoga da escola fez um levantamento do gosto literário dos alunos e propôs parceria com duas professoras de português. Após a elaboração do projeto, houve uma reunião com

os professores para propor interdisciplinaridade, em que se pudesse trabalhar o projeto um dia por semana, onde cada professor ficaria responsável por uma turma e por fazer o diagnóstico do aluno. A escola recebeu livros do PNBE esse ano, mas não soube informar a quantidade.

O Colégio Estadual Profª Glorita Portugal, terceira escola visitada, localizada na rua 62, s/n, no Conjunto Eduardo Gomes – Bairro Rosa Elze, oferece o ensino regular, no ensino fundamental (do 6º ao 9º ano) e no médio, nos três turnos atendendo a 1245 alunos a partir dos onze anos. Obteve média 2,4 no Ideb. Quanto ao aspecto físico, a escola possui dezesseis salas, coordenação, secretaria, pátio, quadra esportiva coberta, laboratório de ciências, laboratório de informática, sala de leitura (atualmente utilizada como depósito da empresa que está fazendo reformas na escola) cantina, cozinha (que serve a merenda escolar), sala dos professores, sala de recursos (para alunos com dificuldade de aprendizagem) e sala de vídeo (mini auditório). A escola conta com equipe composta por 47 professores, 32 funcionárias, diretora, secretária, três coordenadores e equipe técnica composta de cinco pessoas. Segundo o coordenador, a sala de leitura, antes da reforma, funcionava na hora do recreio, em que tinha uma funcionária responsável e também alunos da escola pelo ambiente. Essa prática cessou atualmente por conta da reforma, mas, assim que possível, voltarão com as atividades na sala de leitura. O coordenador ainda falou que momentos de leituras devem ser feitos pelos professores, quando houver. Ele não tem controle do que acontece nas salas de aulas.

A Escola Hamilton Alves Rocha localizada na av. Marginal, s/n, Conjunto Eduardo Gomes, possui oito salas de aula que comportam 669 alunos, distribuídos nos três turnos de funcionamento do 7º ano até o 3º ano do ensino médio, obtendo média 3,3 no Ideb. A equipe diretiva conta com diretor, dois coordenadores e secretário. A escola possui biblioteca e faz empréstimos aos alunos, porém, no dia da visita à escola, o setor estava fechado. Segundo a coordenadora, a funcionária teve um problema pessoal e não foi. Na escola, tem um projeto de leitura que foi planejado e está sendo executado somente nas aulas de português. A coordenadora também disse que nas reuniões do Conselho Escolar são discutidas formas de promover leitura na escola, mas disse que só o diretor poderia autorizar o acesso a ata de reunião que foi feita pela última vez em 2008.

O Colégio Estadual Armindo Guaraná, penúltima escola visitada, fica localizado na av. José Conrado De Araújo, s/n, Rosa Elze. Seu prédio está em reforma e a escola se encontra, provisoriamente, na rua Joseane Silva, nº84, no Rosa Maria. A escola tem aproximadamente 700 alunos e trinta professores, a estrutura física conta com dez salas de aulas, quatro banheiros e refeitório. A equipe diretiva conta com diretor, duas coordenadoras e secretária, obteve média 3,1 no Ideb. A escola possui uma biblioteca aberta nos três turnos e um projeto de leitura intitulado “Lendo no Recreio” que tem por objetivo direcionar o recreio dos alunos para que não fiquem dispersos no intervalo. O projeto trabalhar com vários gêneros literários espalhados pela escola e com sua divulgação, chamando a atenção dos alunos para a biblioteca.

Por fim, a Escola Estadual Professora Olga Barreto, com média em 2011 de 3,6 no Ideb. Fica localizada na rua 15, s/n – Conjunto Brigadeiro Eduardo Gomes. Conta com uma equipe diretiva composta por diretor, secretário e três coordenadores pedagógicos e aproximadamente 103 colaboradores. Oferta o ensino do 1º a 9º Ano, EJAEF 1ª e 2ª Fase, EJAEM, Programa Alfa e Beto e Programa Se Liga e Acelera. A escola possui uma estrutura física de dezesseis salas de aula, oito banheiros, cantina, pátio coberto, quadra de esportes, sala de direção, sala de leitura, sala de professores, sala do comitê pedagógico e secretaria. A Escola atende a uma clientela de diversas classes, com predominância da chamada classe baixa, diversificando as profissões em: comerciários, pedreiros, vigilantes, pequenos comerciantes e empregadas domésticas. Há também um número bastante significativo de desempregados. Uma outra parte significativa dos alunos trabalha, principalmente aqueles que estudam à noite, horário que acontece também o maior índice de evasão. A escola possui uma sala de leitura em que os alunos só podem frequentar junto com um professor. Não é permitido que os alunos levem livros para casa, a justificativa da responsável pela sala de leitura é que os alunos levavam os livros e não devolviam. E se frequentassem a sala sozinhos, só fariam bagunça. Dessa forma, a sala de leitura fica boa parte do tempo fechada, pois a única professora que utiliza o espaço é a professora de inglês que vai com os alunos pegar dicionários de inglês.

Essa foi uma breve descrição das escolas situadas no bairro Rosa Elze, possibilitando ao leitor conhecer um pouco de cada uma delas.

Entre outras coisas, uma visita a Secretaria de Educação Estadual, que tinha por objetivo levantar dados sobre a existência de bibliotecas nas escolas, possibilitou conhecer o Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) que será apresentado a seguir.

1.2 Programa nacional de biblioteca escolar

O Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) tem o objetivo de fornecer a toda rede pública de ensino e toda modalidade obras e materiais de apoio para educação básica. Além de democratizar a leitura, criar cultura leitora nos alunos e professores e proporcionar formação continuada aos professores. O programa engloba em sua prática diversos gêneros como obras clássicas da literatura universal, poema, conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular, romance, memória, diário, biografia, relatos de experiências, livros de imagens e histórias em quadrinhos. Os livros são distribuídos nos anos pares para as escolas de educação Infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Já nos anos ímpares, a distribuição ocorre para as escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Todas as escolas públicas cadastradas no censo escolar realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) são atendidas pelo programa sem necessidade de adesão.

O PNBE engloba três eixos: o **PNBE Professor** tem por objetivo facilitar o planejamento das aulas e de atividades dos professores de educação básica regular e o EJA que foi implementado em 2010 e em 2013 atenderá a educação infantil e ampliará o acervo; o **PNBE Periódico** é um programa pensado para toda equipe gestora da escola que tem por objetivo adquirir e distribuir revistas pedagógicas que são enviadas durante todo ano letivo; por fim, o **PNBE Temático** é responsável pelo ensino fundamental maior e ensino médio com o objetivo de formar cidadãos sem preconceitos. Os temas das obras são: indígena; quilombola; campo; educação de jovens e adultos; direitos humanos; sustentabilidade socioambiental; educação especial; relações étnico-raciais e juventude.

Existe um monitoramento nas escolas para ver se elas realmente estão usando os livros fornecido pelo PNBE para sua finalidade em relação às escolas que ficaram abaixo de 2,9 no IDEB, meta do estado em 2011, totalizando 103 escolas em todo estado.

Esse monitoramento é feito primeiramente através de um instrumental diagnóstico que é dividido em seis eixos. O primeiro é referente ao Programa Nacional do Livro Didático – PNLD em que o gestor responde em porcentagem os números de alunos atendidos pelo programa. O segundo eixo é sobre o acervo literário referente aos livros do PNBE. O terceiro eixo é sobre a gestão da escola em que se pergunta se a escola recebe recursos financeiros, se aplica compromisso de gestão, a porcentagem dos professores que elaboram e executam planejamento, se a escola possui Projeto Político Pedagógico (PPP) atualizado. Além disso, questiona-se se são indicadas as metas de leitura e produção de textos escritos e falados, se a escola possui currículo atual e em execução, porcentagem dos professores que aplicam o currículo em suas aulas e se o currículo contempla a educação especial. O quarto eixo é relacionado aos projetos desenvolvidos na escola com o objetivo de leitura e escrita. O quinto tem relação com os recursos pedagógicos que a escola possui. Finalizando, o sexto e último eixo tem relação com os eventos pedagógicos realizados.

Esse monitoramento é agendado com antecedência para que a equipe da secretaria seja recebida pelo diretor ou coordenador da escola. Durante essa visita, também é aplicado um instrumental de acompanhamento em que é preenchido pelo técnico pedagógico/ coordenador estadual. Os campos a serem preenchidos corresponde a DR, nome da escola, município, IDEB, nome do coordenador, número de alunos e professores, projeto educativo em execução, metas de leitura e escrita estabelecidas/divulgadas pela escola, tempo de ler proposto divulgando pela escola, planejamento e associação à prova Brasil, utilização do acervo principalmente literário nas atividades planejadas, ações de divulgação e socialização de novos acervos, participação da escola em eventos educacionais. Por fim a secretaria diz o que a escola deve fazer para melhorar.

Durante a pesquisa, as escolas também estavam assinando um termo de recebimento de organizadores em que a escola assina como recebeu duas caixas organizadoras plásticas transparentes, para uso exclusivo de movimentação do acervo nas atividades pedagógicas dentro da escola. Tudo para o zelar, pela conservação e pelo bom uso deste. Caso se perceba que a escola não está buscando atingir o objetivo do projeto não tem nenhuma punição, pois não existem meios legais para isso. A única coisa que a Secretaria do Estado pode fazer é a conscientização e curso de formação para professores e coordenadores.

Como já foi falado anteriormente em relação ao monitoramento de conservação do acervo por parte da escola, não existe nenhuma ação, pois acredita-se que a escola prepara seus alunos para conservação dos bens, e isso não compete à Secretaria. É papel do professor ensinar o aluno a conservar o livro. Além de ser difícil esse monitoramento, existe o desvio de livros, ou seja, para a esfera federal os livros chegaram à escola, mas nem sempre é assim.

Quanto o sentimento de posse que alguns gestores têm em relação aos livros, preferindo que os alunos não tenham acesso, surgiu a dúvida se os gestores eram punidos caso os livros fossem danificados. Porém eles não são punidos. Ao contrário dessa prática, deve-se estimular os alunos a manusearem os livros e assim criarem gosto por eles.

Visto que existe o programa que dá condições de manter a biblioteca fornecendo todo material como livro e estantes, é perceptível que em algumas escolas esse ambiente não funciona. Segundo a Secretaria Estadual de Educação, isso se deve ao fato de que a leitura pode ser realizada em qualquer lugar e não necessariamente na biblioteca, além de estamos em uma era digital.

O estudo do PNBE foi de grande relevância para que se redefinisse o tema da pesquisa, visto que tudo que foi pesquisado até aqui mostrou que além da importância do espaço físico de leitura, seja biblioteca, sala de leitura, cantinho da leitura, também existe a relevância da promoção da leitura. Dessa forma, ao visitar as escolas procurou-se, além de perceber os espaços físicos de leituras, ver como está sendo estimulado o gosto pela mesma.

Com as visitas realizadas nas escolas foi possível perceber que o PNBE não é identificado pelos gestores, pois, quando eram questionados sobre o recebimento dos livros do programa, a resposta obtida era que os livros eram enviados pelo MEC e mostravam não conhecer o programa. Ao observar os acervos das escolas, era perceptível o recebimento dos livros pela identificação nas capas deles.

Em relação aos monitoramentos feitos pela Secretaria Estadual de Educação, eles não se mostram muito eficazes, pois a visita é agendada, ou seja, a escola fica preparada para receber os funcionários da Secretaria. Durante a pesquisa, foi visto que tinha uma visita agendada para o interior, porém uma funcionária faltou o que impossibilitou a ida, como já tinha um carro agendado, as responsáveis pela visita ligaram para escolas da

cidade para fazer a visita, contudo todas as escolas em que ligaram os gestores não se encontravam.

Além desses desencontros para realizar as visitas, os formulários fazem perguntas aos gestores, mas não verificam se as respostas são verídicas. Segundo a responsável pelas visitas, eles buscam acreditar na integridade das respostas dada pelos gestores da escola. Sendo assim, é evidente que os objetivos e propostas do programa são bons, porém faltam meios mais eficazes de efetivar esses objetivos e propostas.

Além do projeto descrito acima, há também outro programa de grande relevância que está sendo aplicado nas escolas municipais e que só foi perceptível através das visitas nas escolas: o Projeto Trilhas.

1.3 Projeto trilhas

O Projeto Trilhas foi criado em 2009 através da iniciativa do Ministério da Educação e do Instituto Natura, com a coordenação técnica da Comunidade Educativa CEDAC. Ele tem o objetivo de alfabetizar crianças do 1º ano do ensino fundamental através de leitura, escrita e oralidade, além de atingir média 6,0 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) no país em 2020.

O projeto tornou-se política pública pelo Ministério da Educação trabalhando junto com o plano de metas e compromisso todos pela educação, em que o principal objetivo é alfabetizar todas as crianças até os oito anos com o incentivo à leitura em sala de aula.

O TRILHAS é inovador porque foca na alfabetização, fase até então pouco contemplada por propostas voltadas à leitura e escrita. Apresentar o mundo letrado à criança de uma forma tão dinâmica como o projeto propõe contribui muito para a alfabetização de qualidade. (REPULHO, 2013).

O projeto oferece, aos representantes dos municípios contemplados, diretores, coordenadores pedagógicos e professores, formação continuada para que todos possam usufruir de todo conjunto de material oferecido pelo projeto em sala de aula. O projeto é oferecido principalmente aos municípios considerados prioritários pelo MEC que são os

municípios que ficaram abaixo da média nacional do Ideb, além das escolas que são consideradas prioritárias, mas que estão em município considerado não prioritário.

As escolas rurais recebem o kit do projeto através das Secretarias de Educação, já as urbanas o diretor recebe diretamente na escola. Os kits são divididos em três conjuntos: Trilhas para escrever e ler textos, Trilhas para abrir o apetite poético e Trilhas de jogos, em que trazem fundamentação teórica, orientação aos secretários, diretores e professores. Além de jogos e cartelas de instrução e um acervo de vinte livros, a cada oitenta crianças matriculadas, a escola recebe um kit. Professores de outras séries que tenham interesse em utilizar o material do projeto devem consultar os cadernos de orientações aos itens “Possíveis adaptações” e “O que mais é possível fazer?”, onde será possível ter dicas para adaptações das atividades em grupo.

Segundo o portal Trilhas, o bairro do grande Rosa Elze tem treze escolas participando do projeto, sendo nove da rede municipal e quatro da rede estadual, porém nas visitas realizadas somente as escolas municipais demonstraram trabalhar de fato com o projeto. Através do portal é possível a escola notificar o não recebimento do material.

Em entrevista ao jornalista Elton Coelho, divulgada em rede social, a Secretaria Municipal de Educação de São Cristóvão diz que, com o objetivo de proporcionar leitura de forma lúdica a seus alunos, a Secretaria Municipal de Educação em parceria com o Ministério da Educação reuniram-se, no dia 16 de agosto de 2013, na sede da Escola Municipal Frei Fernando (durante todo o dia), coordenadores e diretores da rede municipal para que fossem treinados e adequados ao Projeto Trilhas. Em São Cristóvão, cerca de 42 unidades foram representadas pelos profissionais da área.

Tenho a plena certeza de que a inclusão do Projeto Trilhas, nas creches e escolas, fará com que os estudantes se desenvolvam mais. É de extrema importância que todos eles - além de participarem de atividades dirigidas - tenham um momento para a leitura. Passarão a entender que o mundo da leitura é um mergulho descontraído na nossa imaginação. (JORGE, 2013).

Reforçando o exceto acima, segundo a atual prefeita da cidade Rivanda Batalha, o projeto também será capaz de resgatar a cultura das crianças, dos pais e professores.

Durante a pesquisa, foi perceptível que as escolas municipais estão de fato trabalhando com o projeto, umas seguindo à risca suas orientações, outras adaptado o projeto a realidade escolar em que se encontram. Algumas escolas reclamam da demora da entrega

de materiais e da pressão por relatórios. Porém não foi percebida sua atuação em nenhuma escola estadual, mesmo estando na lista de escola contempladas no site do programa.

Enfim foi possível conhecer as motivações e percurso percorrido até aqui desse estudo que se dedica pesquisar como está sendo incentivado o hábito da leitura com prazer. Fazendo uma breve análise do papel da biblioteca, caracterização das escolas pesquisadas e apresentando programas federais que prometem alcançar tal objetivo de estimular o gosto pela leitura.

Agora serão apresentados conceitos de leitura e seu papel na sociedade, além de observação de aulas de leitura e conversas sistematizadas com alunos e professores.

2 CONCEPÇÕES DE LEITURA

Com o intuito de conhecer as metodologias que as escolas estão usando para estimular o gosto pela leitura em seus alunos, das escolas apresentadas anteriormente, foi possível observar três escolas municipais, as demais não puderam ser contempladas devido a problemas técnicos e administrativos, visto que sua disponibilidade não era compatíveis com a pesquisa.

Entretanto, antes de adentrar nessas observações, é indispensável ver discussões de autores no âmbito da leitura para que se faça uma reflexão do que seja ler afinal. Ler significa conhecimento. E o que é o conhecimento se não criar e recriar? É a partir do conhecimento que se cria e modifica a leitura de mundo do sujeito.

Se antes do texto lemos a realidade com os sentidos, com os textos crescemos mais ainda esta possibilidade da percepção porque o ler significa apoderar-me também daquilo que está distante dos sentidos. (VARGAS, 1993, p. 7)

Conforme a citação acima, o principal objetivo do ensino da leitura com o texto não deve ser o decodificar as palavras - o que se acredita que vem sendo explorado por muitas escolas - mas entender o sentido do texto, mesmo que com ajuda necessária nos estágios iniciais de aprendizagem do professor. É através dessa leitura que novas palavras aos poucos vão sendo incorporadas ao vocabulário do aluno. Essa leitura pode ser feita com qualquer texto e não somente texto crítico, como se acredita, já que todo texto tem uma intencionalidade.

Bamberger (1988) defende que a leitura além de ser capaz de derrubar as dificuldades educacionais tão discutidas também oferece oportunidades mais justas de educação; desenvolve a linguagem e possibilita o crescimento pessoal. Vargas (1993) afirma que a leitura, além de ser capaz de ampliar o vocabulário também, é o caminho para desenvolver o senso crítico.

Segundo pesquisas recentes, é na discussão que o aluno mais inexperiente consegue entender o texto e não através da leitura silenciosa ou em voz alta. É a partir dessa discussão que pontos não compreendidos durante a leitura se tornam claros, pontos antes

não percebidos ficam evidentes, porém não é qualquer discussão que tem esse papel. É preciso que essa seja uma conversa com objetivo.

Para Bamberger (1988) a leitura é muito eficiente na formação da linguagem e personalidade e Vargas (1993) entende “o processo de leitura como o estabelecimento de uma relação dinâmica que vincula a linguagem à realidade”.

É necessário facilitar o acesso ao livro dentro da sala de aula para que a partir do aluno se forme um leitor crítico, consciente de seus direitos e deveres, pois segundo Bamberger “o ‘direito de ler’ significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir” (BAMBERGER, 1988, p. 09).”

Para Bamberger (1988) o que motiva o gosto pela leitura é em primeiro lugar a motivação por algo novo e recém descoberto sendo então papel do professor estimular essa motivação através material de leitura fácil e interessante, além de oportunizar enriquecimento de ideais e intelectualidade resultando em um uma visão de mundo estruturada.

Vargas (1993) defende três formas de estimular o prazer de ler: a primeira é mostrar a leitura como fonte de conhecimento; a segunda é fazer o aluno perceber que o texto muitas vezes fala da realidade e ajuda a entendê-la; a terceira e última é apresentar a leitura de forma lúdica em que através de jogos e brincadeira o aluno possa também criar.

É claro que o desenvolvimento e estímulo ao interesse pela leitura não dever ser só cultivado na escola. Ela tem papel fundamental e indispensável, porém não podemos perder de vista o papel da família e da sociedade. Para estimular o gosto pela leitura é necessário oportunizar várias formas de acesso à leitura através de biblioteca, leitura e discussão, leitura individual e outras formas.

Para Kleiman (2012), existem três principais motivos sobre as reclamações dos professores de que seus alunos não sabem ler: a primeira se refere ao fato do aluno fazer pouca leitura no cotidiano; a segunda está ligada a pobreza de material escrito em que tem acesso seja dentro ou fora do âmbito escolar; e a terceira e última diz respeito à má formação de escritores que às vezes nem são leitores, mas que tem a função de ensinar a ler e gostar de ler.

Já para Bamberger (1998), os motivos que dificultam o desenvolvimento da leitura são o número alarmante de pessoas que ainda não tem acesso à escola, altos índices de

professores leigos, deficiência na formação específica no campo da leitura nas universidades e a carência nas bibliotecas escolares.

Podemos concluir que muitos alunos não leem porque acham a leitura difícil e o acesso aos livros complicado, além disso, a motivação para leitura deixa a desejar. Os alunos fazem relação direta de leitura com a escola e quando deixam a escola param de ler, pois querem outras coisas na vida e outros interesses viram prioridade.

No ensino da leitura é importante que o professor conheça a real dificuldade do seu aluno, distinguindo qual a sua dificuldade normal com relação à fase em que se encontra e o que não é compreendido por razão da má redação do livro didático. Dessa forma, o professor poderá facilitar a compreensão do aluno e disponibilizar textos bem redigidos, pois

no início do aprendizado da leitura, o processamento necessário para juntar as palavras em grupos que representem estruturas significativas da linguagem pode sobrecarregar a capacidade da criança e criar obstáculos para a compreensão. (KLEIMAN, 2012, p. 70).

Além disso é necessário, nesses estágios iniciais, que o professor auxilie a criança na construção do sentido do texto, trabalhando dessa forma o verdadeiro sentido da leitura trabalhando o texto.

Ainda sobre a importância do professor como mediador do aprendizado da leitura, é possível refletir que

professores interessados e informados, sendo eles mesmos bons leitores, 'podem fazer com que os alunos experimentem na leitura um prazer idêntico ao seu', e também que existe uma relação direta entre prazer e o acesso ao livro nas salas de aula. (SANDRONI, 1988, p. 06).

Foi visto até aqui então que existem muitos fatores determinantes para o desinteresse e interesse pela leitura e o papel indispensável do professor nessa função. Agora será apresentado o que as escolas pesquisadas estão fazendo para estimularem o gosto pela leitura em seus alunos, fator esse que já demonstrou ser bastante importante para o desenvolvimento do sujeito em sua totalidade.

2.1 Análises das atividades de leitura

Agora serão apresentadas as atividades desenvolvidas por algumas escolas em que o objetivo é ensinar a ler e despertar o gosto pela leitura com uma breve discussão de autores sobre essas práticas. Porém, antes de conhecermos algumas metodologias aplicadas, são necessárias que conheçamos as caracterizações de fases de leitura definidas por Schliebe – Lippert e A. Beinlich, em que:

- De 2 a 5 ou 6 anos é a idade caracterizada pelos livros de gravura e dos versos infantis:

O seu primeiro interesse pelo conhecimento fatural é satisfeito pelo mais simples dos livros de gravuras de não – ficção. Com os primeiros sinais de independência e desafio (4 anos de idade), ‘brincadeiras’ independentes com livros de gravura também são importantes para propósitos educacionais (BAMBERGER, 1988, p.34).

- De 5 a 8 ou 9 anos idade do conto de fadas:

Nessa fase do seu desenvolvimento a criança é essencialmente suscetível à fantasia. Isso é válido para todos os temas escolares, até para a geografia e a ciência. (BAMBERGER, 1988, p.34)

- De 9 a 12 anos fase das histórias ambientais ou da leitura fatural:

O interesse pelos contos de fadas e pelas sagas ainda é evidente nessa fase intermediária orientada para os fatos, mas também começa a surgir o anseio pelo aventuroso. (BAMBERGER, 1988, p.34)

- De 12 a 14 ou 15 anos idade da história de aventuras: realismo aventuroso ou a fase de leitura não-psicológica orientada para o sensacionalismo:

Durante os processos de desenvolvimento pré-adolescentes, a criança, pouco a pouco, toma consciência da própria personalidade; afrouxa ou desfaz elos anteriores (a segunda idade de independência e desafio). O interesse dos leitores pode ser despertado principalmente através do enredo, dos acontecimentos, do sensacionalismo. (BAMBERGER, 1988, p.35).

- De 14 a 17 anos compete a fase de maturidade ou o desenvolvimento da esfera estético-literária da leitura:

Descobrimto do próprio mundo interior de egocentrismo crítico, desenvolvimento de um plano de vida, desenvolvimento de várias escalas, de valores.” (BAMBERGER, 1988, p.35).

Dessa forma poderá ser possível entender melhor algumas situações e propostas que serão descritas logo mais, contudo não se pode esquecer que toda criança tem um tempo e um desenvolvimento, essa caracterização poderá servir de orientação.

Agora serão apresentadas as análises das atividades de cada escola.

2.1.1 EMEF Raimundo Francisco dos Santos

A escola fica localizada na rua A, s/n, no conj. Luiz Alves I. A observação foi realizada em uma turma de 1º ano com 23 alunos. A turma conta com uma professora formada em letras-português.

No dia da observação, foi desenvolvida uma atividade de dramatização da história “Bruxa, bruxa, venha à minha festa” da autora Arden Druce. Essa, segundo a professora, é uma atividade sugerida pelo projeto Trilhas e o livro também faz parte das obras enviada pelo projeto. A professora pediu para que as outras duas turmas fossem para o pátio ver a apresentação de seus alunos e todos foram para o pátio com suas professoras.

Os alunos que dramatizavam a história usavam máscaras e acessórios como, por exemplo, capa de chapeuzinho vermelho para encenação. Uma aluna narrava a história e os outros encenavam seus personagens que eram bruxa, gato, espantalho, coruja, árvore, duende, dragão, pirata, tubarão, cobra, unicórnio, fantasma, babuíno, lobo e chapeuzinho vermelho.

Ao conversar com os alunos, eles se mostraram bastante entusiasmados com a apresentação. Por ser possível a participação da criança do começo até o fim da história, as crianças sabem toda a história sem precisar do livro. Sobre isso, Bamberger (1988) traz a importância que não se cobre da criança que ela decore o que será falado durante a dramatização.

As partes não podem ser decoradas, senão ditas livremente, usando-se como base sentenças do livro. Entretanto, se as crianças estiverem tão familiarizadas com a história (como acontece frequentemente, em se tratando de livros de gravuras) que conhecem as palavras de cor, isso não terá importância. (BAMBERGER, 1988, p. 86).

É notório que a atividade proposta é enriquecedora para a imaginação da criança e que essa também desperta o interesse do aluno pela leitura, visto que ela se dá de forma prazerosa e sem cobrança, como acontece em atividades tradicionais de leitura. A criança aprende como deve aprender brincando, além do que

o professor pode utilizar o desejo de dramatizar incentivando as crianças a representarem conscientemente os papéis dos livros. Desse modo, reforça-se o efeito da leitura e aumenta-se o interesse por ela. (BAMBERGER, 1988, p. 85).

Fica claro então a importância desse tipo de atividade para a formação intelectual da criança que aprende de forma prazerosa.

As crianças sentem prazer em colocar-se no lugar das personagens dos livros, em sentir e experimentar com elas. Querem identificar-se, receber uma atenção pessoal, tomar parte nos acontecimentos que se desenrolam no livro. (BAMBERGER, 1988, p. 45).

A maioria dos alunos fala que gostam de história de fantasma e princesas, isso se deve, deve-se acreditar, pela faixa etária em que as crianças se encontram e se seguir as fases de leitura configurada logo acima isso se confirmará.

Em conversa sistemática com os alunos, ficou evidente que eles veem no aprendizado da leitura uma forma de mudar de vida, isto é, não espera muita coisa apenas uma condição mais digna, visão essa alimentada pela família. E não ver nenhuma utilidade na leitura enquanto crianças apenas quando adultos.

Por exemplo, um aluno de sete anos, quando indagado se gosta de ler e o que acha de aprender a ler, diz que gosta de ler e que precisa aprender para trabalhar, quando for adulto. Além disso, em outros contatos, muitos falam que a mãe diz que se ele não aprender ler e a escrever vai puxar carroça. Uma menina diz que gosta de ler para a mãe ver que ela não é burra.

As crianças também falam com muito entusiasmo de outras atividades que fizeram como desenhar a história e fazer seus próprios livros. Eles perguntam se não vou para a manhã de autógrafos deles e todos ao mesmo tempo me mostram seus livros. As crianças também falam da história “Casa Sonolenta” de Audrey Wood, parecem terem gostado bastante dela e me contam a história com bastante propriedade. É questionada que atividade que eles fizeram com essa história. Eles falam que fizeram o desenho da história, e que a professora colocou um avental com os personagens para eles conhecerem e identificarem. A riqueza desse tipo de atividade é evidente, pois como afirma Bamberger “As crianças podem assumir o papel do ilustrador e desenhar figuras para a história que lêem. Exposição e discussão dos desenhos estimulam novas iniciativas” (BAMBERGER, 1988, p.66)

Em conversa com a professora, perguntou-se sobre a ideia do avental, ela disse que pega o livro sugerido pelo Trilhas leva para casa para ler e pesquisa na internet sobre atividades com esses livros e dessa forma faz seu planejamento. Ela admite que existem atividades que não dão muito certo e ela precisa adaptar. Então ela viu na internet a sugestão de colar os personagens no avental e de acordo como for lendo a história vai mostrando os personagens com o objetivo que a criança vá identificando os personagens da história.

A professora ainda fala sobre a importância do projeto na escola. Ela acredita ser o começo para uma educação de qualidade que o ensino seja através da leitura, além de considerar bastante importante o projeto oferecer livros e materiais como jogos fornecendo subsídio para tornar a aula dinâmica e prazerosa. Ela afirma ainda que, apesar de na sua turma de 23 alunos somente seis não saberem ler, sente um interesse maior depois das atividades de leitura.

No começo da pesquisa a escola possuía uma biblioteca móvel como caracterizado na primeira parte desse trabalho, porém existia a vontade de fazer uma pequena biblioteca em umas das salas. No dia da observação a biblioteca já estava reformada e recebeu o nome de Lilian Rocha em homenagem a uma escritora sergipana que doou vários livros. A biblioteca contempla livros com temas sobre educação, periódico, literatura brasileira, poesia, dicionários, historinha em quadrinhos e livros do Mais Educação, PNAIC e Trilhas.

Durante a observação que foi realizada em uma manhã, ficou presente o interesse por parte das gestoras da escola em melhorar a aprendizagem de seus alunos, pois mostrou

interesse em ampliar as atividades do projeto para outras turmas, visto que o projeto é destinado somente para o 1º ano, além do interesse em abrir e manter a biblioteca em funcionamento. Também ficou muito claro o interesse dos alunos nas atividades que estavam sendo proposta e um comprometimento da professora em pesquisar formas de planejar atividades prazerosas para seus alunos.

2.2.1 EMEF Madalena de Gois

A escola fica localizada na rua B, nº 20, Conj. Lafaete Coutinho no bairro Rosa Elze. A observação foi realizada em duas turmas do 1º ano: na primeira a professora é formada em história, nessa turma tem 28 alunos. Na segunda, a outra professora é formada em pedagogia e possui 20 alunos em sua turma.

As duas turmas estavam na mesma sala por conta da reforma que estava acontecendo na escola. A recepção das professoras foi muito acolhedora, no entanto foi a observação mais difícil de fazer, pois a escola passava por reforma o que dificultava ouvir as professoras. Além disso, cada turma tem seu horário de recreio para as crianças menores não ficarem juntas com as maiores.

É quase impossível de dar aulas com tanto barulho. Além de que as crianças maiores entram na sala dos menores, enquanto as professoras estão dando aula e a sala é bastante quente. A sala tem um mural indicando o cantinho da leitura, muitos cartazes com colagens de palavras, letras e números, além de varal de atividades.

Uma das professoras conta que o projeto Trilhas envia para a escola o cronograma que deve ser encaixado no planejamento anual da escola. Relata também que adapta as atividades proposta pelo projeto à realidade de seus alunos e que às vezes utilizam outros livros de história infantil que ela possui, por achar que vai chamar mais atenção deles.

Conversando com as crianças, elas dizem que lê porque a professora manda e que é preciso aprender, pois na próxima série tem prova, então tem que ler. Alguns dizem gostar de ler. Uma menina diz que a mãe não sabe ler, mas o pai sabe demonstrando em seu tom de voz uma certa dó pela mãe. Quando indagados sobre as atividades que eles gostam que a professora faça, um menino disse que a professora sempre faz ditado todos os dias para eles aprenderem a ler, como se soubesse a intenção da pergunta.

A atividade desenvolvida pela professora da turma com vinte alunos tem como principal objeto canções e parlendas. A canção utilizada foi “Marcha Soldada” bastante conhecida dos alunos. A princípio, ela divide a música, palavra por palavra, em um cartaz e cola no quadro. Enquanto as crianças cantam, ela vai apontando as palavras com uma régua, após cantarem a música, a professora coloca frases na mesa e as mistura. É possível ouvir alguns alunos dizerem que vai ganhar, e festejam a atividade que eles chamam de brincadeira.

A professora pede para a sala se dividir em duplas para montarem sozinhas a música. Elas podem olhar no quadro. A primeira dupla pegou uma frase que não correspondia a que a professora pediu, mas apontou para a frase certa no quadro. Quando a dupla pegava a frase errada, a professora perguntava: a frase que eu pedi começa com que letra? A dupla respondeu e ela disse então pode ser essa, a turma também auxiliava as colegas.

Depois foi solicitado que as crianças formassem a música sem olhar para o quadro. Segundo a professora, esse tipo de atividade ajudou os alunos reconhecerem sequência de texto, além de mostrarem mais interesse e atenção.

Após essa atividade a professora da outra turma pediu para liberar os meninos para lanche e brincar. Em conversa, ela disse que a proposta do projeto é muito boa, mas que para ela não fez tanta diferença, pois sempre gostou de desenvolver atividades desse tipo e que seus alunos já estavam acostumados com essa rotina. Contudo, agora ela é cobrada através de relatórios e se queixou da demora em entregar os materiais de apoio. Ela ainda acredita que o projeto é bom porque vai despertar e ajudar as professoras que não desenvolvem esse tipo de atividade.

A atividade desenvolvida por essa professora foi à leitura e dramatização do conto “O menino, o burro e o cachorro” de autoria desconhecida. Primeiro, a professora ler a história que é uma forma bastante rica de aprendizagem para os alunos, pois

na idade pré-escolar e nos primeiros anos de escola, contar e ler histórias em voz alta e falar sobre livros de gravuras é importantíssimo para o desenvolvimento do vocabulário, e mais importante ainda para a motivação a leitura. (BAMBERGER, 1988, p. 24).

Logo após a leitura, ela escolhe uma aluna para recontar a história de sua forma, nessa hora, foi impossível ouvir o que a menina dizia, pois a turma dos maiores estava no recreio. Dando continuidade à atividade, a professora apresenta os nomes dos personagens escritos nas letras cursivas, bastão e imprensa e trabalha com os meninos letra por letra, perguntando que letra é essa? Tem outro nome que começa com essa letra? Logo após trabalha sílaba por sílaba.

A professora explica para os alunos o que é fantoche, segundo ela fantoche é a representação dos personagens de uma história, e que no caso da turma são esses desenhos colados no palito, pergunta quem quer ser os personagens? Os alunos vão para frente segurando o palito correspondente ao personagem e começam a dramatizar a história da forma como eles acham que deve. Após, a dramatização a professora pergunta se os alunos acham que essa história é verdadeira e todos respondem que não.

2.2.2 EMEF Ruth Dulce de Almeida

A escola fica situada rua I,s/n, conjunto Jardim Universitário. A observação nessa escola também foi feita no 1º ano, porém ela já tinha encerrado as atividades do projeto. Logo em instantes, teria uma apresentação para a secretaria de educação do município que visitava as escolas, após encerrarem as atividades do projeto para uma culminância.

A apresentação também foi à dramatização da história “Bruxa, bruxa, venha à minha festa”. Foi convidada para assistir à apresentação a turma do 2º ano. As fantasias foram improvisadas pela diretora da escola. Quando chegaram duas representantes da Secretaria, os meninos vestiam as fantasias e começaram a apresentação. A professora narra a história e as crianças respondem com a fala de seus personagens. Após a apresentação foi oferecido às crianças um lanche, logo após as representantes da secretaria foram embora.

Conversando com a professora que admitiu não estar trabalhando o projeto, pois entrou nos meados do mês de dezembro e não tinha participando do curso e não iria aplicar o projeto. Em apenas um mês, antes de sua chegada, quem assumia a turma era a diretora que foi quem desenvolveu as atividades com os meninos e seria quem poderia responder melhor pelo projeto.

Em conversa com a diretora essa pareceu bastante entusiasmada em relação ao projeto, disse que o projeto é muito rico e que não atrapalha em nada o professor, pois o livro destinado ao professor explica detalhadamente como aplicar cada atividade, ou seja, já vem tudo planejado, a única coisa a fazer é ler para conhecer a história e a proposta, além dos jogos que os alunos adoram. A diretora falou também que os novos materiais que chegaram são lindos, encantam os adultos e possuem ilustrações em alto relevo.

As crianças disseram ser importante ler para não puxar carroça. Pergunta-se quem disse isso, e eles respondem que foi a professora e também que é bom ler para não fumar maconha. Quando indagados sobre as histórias que gostam de ler, falam sobre “A casa Sonolenta” de Andrey Wood, pedindo para contarem como é porque nunca se ouviu e eles contam com muito entusiasmo. Depois lendo a história, constata-se que ela é realmente como eles contaram. Ainda disseram que gostam muito dessa história e da bruxa.

Quando são indagados sobre as atividades, eles mostram os jogos e dizem que é o que eles mais gostam. Tem jogos de bingo de palavras, antônimos, bichos, mercado etc. O contato das crianças com esse tipo de recurso é muito importante para a aprendizagem, pois a criança aprende brincando.

A brincadeira, em seu todo, é um período de aprendizagem significativa para a criança, independente de onde ocorra. Na escola, mais precisamente nas Séries Iniciais, o trabalho com o lúdico pode ser feito de forma a reconhecer as questões da infância, despertando interesses, e como tentativa de estudar os assuntos de modo mais agradável. Torna-se importante tais atividades, também porque são novas possibilidades, para aqueles alunos com mais dificuldades de aprendizagem, de apreensão do conteúdo (KAHL; LIMA; GOMES, 2003, p.02).

O livro “Bruxa, bruxa, venha à minha festa” é bem ilustrativo e traz instruções de como ler a história para as crianças, na sala também tem um mural de pregas em que estava o nome dos personagens. Perguntando as crianças quais eram aquelas palavras e, mesmo sem saber ler direito, falavam o nome certinho. Teve uma criança que pediu para ler meu caderno, entreguei pensando que não sabia e então ele começou a dizer aos colegas o que estava escrito nele.

Fazendo uma análise das atividades desenvolvidas nas três escolas, podemos concluir que a primeira e a última desenvolveram atividades com a mesma história e

aplicaram a atividade de forma semelhante, pois o projeto Trilha sugere que a atividade com essa história seja a dramatizada. No entanto, na primeira escola, os alunos dramatizam sozinho e na última a professora tem o papel de narradora. Já na segunda escola, a professora prefere trabalhar a proposta de dramatização com uma história que não está nas sugestões do projeto. Sendo assim, é possível que todos professores de todas as escolas e turmas apliquem em sua sala de aula atividades dinâmicas e estimuladoras que fazem com que seus alunos criem o gosto pela aprendizagem e veja significância na escola.

CONCLUSÕES

Através das observações realizadas nas escolas de atividades que estimulem o gosto pela leitura e conversa entre autores que discutem fatores de estímulos e desestímulo no âmbito da leitura, além do papel do professor frente a esse trabalho, ficou evidente que se tem pensando políticas públicas voltadas para esse campo e que a maioria das escolas está se empenhando em desenvolver um bom trabalho, porém ainda há muito que se fazer.

Pensemos primeiro no espaço destinado a leitura que toda escola deverá ter até o ano de 2020 pela lei 12.244/2010. A lei diz que todas as escolas do Brasil tanto particulares quanto públicas terão que ter uma biblioteca e que terão dez anos para se adequar à lei. Além dos acervos das bibliotecas escolares que deverão contar com no mínimo um título por aluno matriculado, as escolas serão responsáveis por manter a estrutura, divulgar e preservar as bibliotecas.

Espaço esse que sempre está presente no discurso dos autores como fundamental para formação de leitores críticos e capaz de difundir o conhecimento. Todos sabem da importância da biblioteca escolar, porém essa é tratada com certo descuido. É como se qualquer pessoa pudesse ser bibliotecário, sem que para isso tenha feito um curso de biblioteconomia. Percebe-se ao longo da pesquisa que os responsáveis pelas bibliotecas nas escolas são aqueles funcionários que se encontram fora das possibilidades de exercer suas funções.

Quanto ao acervo também é perceptível que a maioria das escolas principalmente as municipais tem duas ou três prateleiras dispostas na secretaria da escola. É possível observar um acervo maior nas escolas estaduais, porém seu funcionamento não é regularizado, não tem dia nem hora para funcionar e a desculpa para tão situação é a mais variada possível.

Agora cabe uma indagação para que você leitor reflita, será que até 2020 todas as escolas do Brasil estarão bem equipadas para o funcionamento efetivo de uma biblioteca escolar?

Se estará ou não, não cabe a esse pesquisa responder. O que cabe aqui é a reflexão de que não se precisa de teorias, mas de prática, de esforços efetivos para que haja uma mudança na educação principalmente no campo em que essa pesquisa vem defendendo,

visto que a leitura é entendida como uma possibilidade de crescimento pessoal, em que o sujeito cria sua visão de mundo.

Além disso, se deixa de lado essa idéia da biblioteca escolar de lugar indispensável para formação de leitores, visto como já foi discutido nessa pesquisa que a leitura pode ocorrer em qualquer lugar e que o importante é que se crie a cultura leitora e passa-se a refletir sobre o papel dos programas apresentados ao longo desse texto, ver-se-á que esses têm propostas bastante interessantes.

Apesar do PNBE apresentar propostas bastantes atraentes o que se pode concluir é que a maioria das escolas recebe seu material, mas nem sabem que são do programa, poucos gestores demonstraram conhecê-lo. Além disso, não foi perceptível que todas suas propostas fossem executadas, o que parece só existem o envio e o recebimento dos materiais.

O PNBE em sua teoria tem tudo para contribuir com seu objetivo que é de fornecer a toda rede pública de ensino e toda modalidade obras e material de apoio para educação básica. Além de democratizar a leitura, criar cultura leitora nos alunos e professores, além de proporcionar formação continuada aos professores, basta apenas que se coloque o que está na teoria em prática.

Quanto ao Projeto Trilhas, ele demonstrou estar sendo o ponto forte das escolas municipais. Foi possível verificar que nas três escolas em que as atividades de leitura foram observadas, as atividades são muito ricas em que trabalham com a criatividade, imaginação e o lúdico na criança. Atividades essas discutidas e sugeridas em alguns dos autores estudados, além da participação das professoras que buscam adequar às atividades em sua turma e que buscam outras atividades na internet.

É importante também salientar que o projeto possibilitou as professoras que já usavam atividades de leitura em suas aulas em aprimorar seu trabalho, dando sugestões para diversidades de atividades possibilitando assim sempre o novo despertando o interesse do aluno. E trouxe uma nova proposta para as que só conheciam as atividades tradicionais. O projeto desenvolvido é muito recente no município e não tem como avaliamos ainda seus resultados, porém o que se espera é que ele continue sendo cultivado nas escolas.

Em suma a leitura é um caminho muito importante a ser seguido pelo sujeito e é evidente que todos que fazem a educação acontecer sabem disso, porém é preciso mais empenho e dedicação para efetivar as ideias que não são poucas e por sinal são muito boas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth B.C.de; HARDMAN, Maria José Dantas. **SALA DE LEITURA : do sonho a realidade**. Biblionline, Paraíba v. 1, n. 1, 2005.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 4ª edição, editora Ática, 1988. 99 p.

BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. **O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto educacional**. *CRB-8 Digital*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 4-10, out. 2008.

Disponível em: <<http://www.institutonatura.org.br/projetos/trilhas/>>. Acesso em: 25 de nov. 2013.

Disponível em: <<http://www.portaltrilhas.org.br/escolas-beneficiadas.html>>. Acesso em: 25 de nov. 2013.

Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>>. Acesso em: 18 de set. 2013.

KAHL, Karoline; LIMA, Maria Elza de Oliveira; GOMES, Izabel. **Alfabetização: construindo alternativas com jogos pedagógicos**. Revista eletrônica de extensão, p. 11, 2003.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura – teoria e prática**, 14ª edição, Campinas – SP, Pontes Editores, 2012. 155 p.

MENEZES, Maria Cristina (org). **Educação, memória, história: possibilidade, leituras**. Mercado de letras, Campinas: SP, 2004.

RODRIGUES, Márcia Cintra Camargo. **Estudo para otimização do uso das bibliotecas e salas de leitura da Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo**. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Florianópolis :SC, julho de 2013.

ROSA, Flavia Goullart Mota Garcia Rosa; ODDONE Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ci. Inf., Brasília**, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1993. 61p.